



II CONGRESSO INTERNACIONAL – LÍNGUAS, CULTURAS E LITERATURAS EM DIÁLOGO: IDENTIDADES SILENCIADAS

Universidade de Brasília – 16 a 18 de agosto de 2018

RESUMOS QUE COMPÕEM O SIMPÓSIO

ÀS MARGENS DO CÂNONE: DISTOPIA, HORROR E VIOLÊNCIA NA CULTURA

Coordenadores:

Prof. Dr. Wellington Furtado Ramos (UFMS/FUNDECT/CNPq)

E-mail: furtado.ramos@outlook.com

Prof. Dr. Ramiro Giroldo (UFMS/CNPq)

E-mail: r_giroldo@yahoo.com.br

TÍTULO DO TRABALHO: O REPERTÓRIO DA HISTÓRIA EM QUADRINHOS: *PALESTINA – UMA NAÇÃO OCUPADA*.

Autor: Kelly Cristina Fonseca (UFG)

RESUMO:

O presente estudo consiste em estabelecer a análise da obra: *Palestina – uma nação ocupada* (Editora Conrad do Brasil, 2000), livro que corresponde ao primeiro da série de HQ's baseadas nas entrevistas que o cartunista Joe Sacco (2000), conduziu ao longo de 1991 e 1992 em sua viagem a Israel e Cisjordânia. Ressalta-se que este trabalho é um recorte da dissertação de mestrado, que tenta analisar as sequências das histórias em quadrinhos de Joe Sacco (2000) cuja temática se delimita ao conflito árabe israelense. O intuito primeiramente será explanar o repertório da HQ *Palestina – uma nação ocupada* observar-se-á a posição e a disposição da pesquisa feita pelo autor que é também personagem, focando na vida individual dos Palestinos, com entrevistas confessionais ressaltando a dualidade existente nas regiões visitadas do livro. A HQ também aborda o conflito e a posição de ambas as religiões e culturas existentes; ressaltando as dominações de poder, violência e resistência. A partir desse esboço, procurar-se-á entender a situação das histórias em quadrinhos no sistema literário e como as linguagens que foram conciliadas são antagônicas e ao mesmo tempo são complementares para dar unidade ao livro, cuja escolha da forma (histórias em quadrinhos) ainda permanece na periferia dos estudos acadêmicos.



PALAVRAS-CHAVE: Violência; História em Quadrinhos; Cânone; Palestina; Identidade.

TÍTULO DO TRABALHO: REPRESENTAÇÕES DA VIOLÊNCIA ESCRAVAGISTA EM *O DEMÔNIO FAMILIAR*, DE JOSÉ DE ALENCAR E *AS VÍTIMAS-ALGOZES*, DE JOAQUIM MANUEL DE MACEDO

Autor: Prila Leliza Calado (UFPR) Fernando Cerisara Gil (UFPR)

RESUMO: Este trabalho destaca duas obras literárias brasileiras de ficção de autores e estilos diferentes, mas que foram escritas na segunda metade do século XIX e que tem o mesmo pano de fundo: a escravidão. São elas: *O demônio familiar* (1857), peça teatral de José de Alencar e *Simeão, o crioulo*, primeira das três novelas da obra *As vítimas-algozes: quadros da escravidão* (1869), de Joaquim Manuel de Macedo. Serão enfatizados os posicionamentos políticos de cada autor a respeito da abolição da escravatura no país e o modo como eles ganham vida nos textos, ambos trazendo o negro como personagem central, manipulador e perverso. De fato, tanto na historiografia quanto nas maiores vozes do abolicionismo brasileiro, permaneceu o discurso racista, que não via no escravo nenhum papel ativo na abolição, nem o considerava como sujeito histórico: os negros não eram vistos como pessoas, mas como animais ou objetos de propriedade, incapazes de ter consciência de sua própria condição, nem muito menos das opções de vida que poderiam ter se não fossem escravizados, silenciados pela violência do sistema. É nesse contexto que José de Alencar nos traz um escravo ainda menino, mas já manipulador de seus senhores, ardiloso e malicioso, que repetidas vezes arma situações para alcançar sua meta de ascender no trabalho. Já Joaquim Manuel de Macedo analisou o escravo do seu ponto de vista de homem nobre, atribuindo periculosidade e perversidade ao personagem principal, que também desde criança trama contra a família que o acolhe, assassinando-a finalmente. Ambos os autores tentam resguardar os interesses de suas classes: o primeiro, surpreendentemente, sustentava a posição de que a libertação não seria a melhor opção para a evolução econômica-social do país, chegando a escrever cartas ao Imperador, rogando-lhe a manutenção do sistema; o segundo afirmava que era o cativo quem causava mal à sociedade, e não o contrário – clamava pela abolição, mas não por causada brutalidade contra os negros, e sim porque a sociedade necessitava de proteção contra a ameaça africana. Assim, este trabalho visa apontar as caracterizações violentas que os autores atribuem a seus protagonistas, ao mesmo tempo em que objetiva apontar a real violência em questão: a sofrida pelos negros africanos durante os mais de trezentos anos de escravidão a que foram covardemente submetidos no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Escravidão; Violência; Abolição; José de Alencar; Joaquim Manoel de Macedo.

TÍTULO DO TRABALHO: ANÁLISE LITERÁRIA DO CONTO CONTEMPORÂNEO “A VERDADEIRA DOR”, DE PAULO SESAR PIMENTEL

Autor: Vanderley da Silva (UNEMAT/Sinop)

RESUMO:



Esse artigo tem por objetivo expor uma análise literária do conto “A Verdadeira dor” publicado na obra *O cão sem penas* (2014) do escritor Paulo Sesar Pimentel. O escritor é considerado um dos contistas contemporâneos do cenário Mato-Grossense por meio das suas narrativas porque mistura o folclórico com alegórico e o mítico, contribuindo para a literatura do “eu”, de fluxo de consciência, de introspecção, da literatura intimista e das formas diferentes de se sofrer violências no mundo contemporâneo. Daremos destaque, ao conteúdo temático, onde o autor expõe a angústia sofrida pelo personagem principal, que aguarda liberdade, com tanta dor, que nem consegue definir se o que machuca mais é a dor física, ou a dor psicológica. Busca-se também, mostrar como os elementos da narrativa podem contribuir para a construção de sentido de um texto literário. Para o desenvolvimento da análise, utilizaremos as contribuições teóricas de Cândida Vilares Gancho, Nádya Battella Gotlib, Gérard Genette e outros teóricos que abordam estudos acerca da narrativa de ficção contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE: Análise Literária; A Verdadeira dor; Sofrimento; Elementos da Narrativa.

TÍTULO DO TRABALHO: A REPRESENTAÇÃO DA INFÂNCIA: UMA TROCA SIMBÓLICA NO CONTO *GURI*, DE CÍNTIA MOSCOVICH

Autor: Leilanne Costa Lima (UNEB)

RESUMO:

O presente artigo propõe-se a realizar um estudo e análise de um dos contos que compõem a obra *Os contos mais violentos da literatura brasileira contemporânea* (2006), de Cíntia Moscovich. Pretende-se neste estudo, abordar as mazelas sociais trazidas a partir da representação da infância no conto *Guri*. Com base em pesquisa qualitativa/bibliográfica, busca-se investigar, em meio às simbologias e tradições do ambiente familiar, imagens representativas do espaço em que o indivíduo está inserido e a condição na qual está submetido. Para tanto, será utilizado aporte teórico que passa por estudos sobre literatura e violência como o de Tânia Pellegrini (2008), bem como trabalhos realizados sobre a obra de Cíntia Moscovich, como os de Flávia Brocchetto (2006) e Marli Cristina (2006).

PALAVRAS-CHAVE: Violência; Literatura; Cultura.

TÍTULO DO TRABALHO: A VIOLÊNCIA EM *FELIZ ANO NOVO*: HIPÓTESES DE ANÁLISE DE EXOTISMO OU HIPERREALISMO

Autor: Elisa Hübner Alves (UFRGS) Carlos Augusto Bonifácio Leite (UFRGS)

RESUMO:

Publicado em 1975, o livro *Feliz Ano Novo* trata da brutalidade das relações humanas, a partir de uma dualidade de força e opressão dos grandes centros urbanos. O contexto histórico de expansão das cidades levou, por consequência, à inadaptação dos indivíduos no seu novo meio em desenvolvimento, movidos por ações que não se justificam, em uma violência desmedida e “sem sujeito ou objeto, sem princípio e sem fim” (FINAZZI-AGRÒ et VECCHI, 2007). Uma das hipóteses a respeito do caráter dessa violência assume a forma da criação de um “perfil” do



marginal, que pode ser futuramente atribuída a um exotismo da literatura de Rubem Fonseca. Por outro lado, há a hipótese do hiper-realismo, uma defesa que traduz o exagero e o exótico como o vínculo intenso que existe entre a marginalidade e a existência tóxica nas metrópoles, que resulta na exploração infinita do indivíduo, marginalizando-o permanentemente, selado pela exclusão. As situações cruas às quais o leitor é exposto acabam por provocar uma reação de dúvida no leitor. Rubem Fonseca está entre um autor de um realismo feroz, que agride seu leitor com a violência, e um escritor que cria um novo tipo de exotismo com a figura do “marginal, da prostituta, do inculto e do excluído”. A partir da análise de algumas peças desse conjunto, esta pesquisa procura analisar o caráter da violência e do indivíduo marginalizado em *Feliz Ano Novo*, destacando o contraste das posições que o classificam como exótico ou hiperrealista. No começo da carreira de Rubem Fonseca na literatura (1963-64), o Brasil se encontrava em meio ao contexto do desenvolvimentismo, projeto da ditadura militar que procurava levar a tecnologia ao país e tirá-lo do “atraso social”. Para isso, era necessário impulsionar a modernização de infraestruturas e o crescimento da indústria brasileira, o que ocasionou a migração das populações rurais para a cidade e a expansão do meio urbano.

PALAVRAS-CHAVE: Violência; Rubem Fonseca; Exotismo; Hiperrealismo.

RESUMO DO TRABALHO: MARCAS DA VIOLÊNCIA NO ROMANCE *O TRONCO* DO ESCRITOR GOIANO BERNARDO ÉLIS

Autor: Antônio Oliveira (UEG) Maria Eugênia Curado (UEG)

RESUMO:

Questionado sobre o projeto de escrita do romance *O Tronco*, Bernardo Élis faz a seguinte ponderação sobre sua obra que viria a ser uma expressão da violência a que o sertanejo, especificamente o goiano está/estava submetido: “Eu enxergava, na região, uma pureza originária e, depois, um pessoal que defendia o atraso e outro queria o progresso. [...] Essas guerras do sertão marcaram minha infância. (BELÉM apud VICENTINI, 2010, p. 134) Em entrevista concedida ao *Jornal Opção*, publicada entre julho e agosto de 1996, pode-se perceber, de acordo com a fala de Bernardo Élis, o tom violento que caracteriza a narrativa de *O Tronco*, romance publicado em 1956, que faz referência ao conflito ocorrido na Vila de São José do Duro, entre 1917 e 1918, no norte do Estado de Goiás, hoje Tocantins. O que se destaca na luta travada é o poder oligárquico, a crueldade, o coronelismo e a jagunços ocorridos no Estado, o que não difere da atualidade. Nas palavras de Evanildo Bechara, ao apresentar o livro *Seleção de Bernardo Élis*, (1974, p. XI (sic)), “a necessidade de mudança de mentalidade se expressa pelos excessos e violência em *O Tronco*”. Trata-se, assim, de uma obra que se enquadra na 3ª linha de força do Simpósio 21: “3. Trabalhos voltados para o estudo das representações de violência em textos literários, sua construção do ponto de vista formal e temático”. (GIROLDO, RAMOS, 2018). Além de a obra *O Tronco* ser caracterizada por uma linguagem que expressa a violência opressora do poder, o que garante enquadrá-la no Simpósio 21, podemos também situar o autor goiano às margens do cânone literário, uma vez que autores do centro-oeste são poucos divulgados pela mídia literária – quem sabe a crítica – No caso de Bernardo Élis, na obra *A Literatura no Brasil*, de Afrânio Coutinho, com 6 volumes e cerca de 3.000 (três mil) páginas, a referência que temos



de Élis se resume a poucas linhas citadas em 3 (três) páginas de toda coleção. Diante dessa apresentação é que nos importa destacar não somente autores de Goiás, mas aqueles que por motivos alheios ao nosso entendimento são sequer conhecidos em sua própria região.

PALAVRAS CHAVE: Bernardo Élis; Literatura; Violência; Ficção.

TÍTULO DO TRABALHO: COMUNIDADE E DISTOPIA EM *CLUBE DA LUTA* E *A PRAIA*

Autor: Joacy Ghizzi Neto (UFPR)

RESUMO:

Diante da celebrada morte das grandes narrativas (Lyotard, 1979), insurge-se de maneira paradoxal um sem fim de narrativas literárias que encenam alternativas comunitárias. Mesmo distantes dos cânones, ganham cada vez mais espaço e leitores no atual cenário cultural contemporâneo. Da utopia à distopia, destaco aqui especialmente duas, na virada do milênio: *Clube da luta* (1996), de Chuck Palahniuk e *A praia*, de Alex Garland (1999). Ambas são livros-filmes - além dos quadrinhos recentes de *Fight club 2* (2016) - e gozam de enorme prestígio dentro de certa camada social e geracional. Interessa-nos nessas histórias de jovens rebeldes em busca de uma vida/sociedade melhor a viragem dos seus deliberados projetos utópicos para uma distopia irrefreável (o Horror). Ou seja, há um mecanismo político-estético perverso nos projetos de vida-em-comum, que acabam por realizar o inverso do que pretendiam; reproduzindo com maior radicalidade os males que pretendiam combater na sociedade que negavam. O *Clube*, que afirmava a necessidade da destruição do ocidente e da civilização, sustentava suas atividades de terrorismo poético com as vendas dos sabonetes que produziam em um regime altamente hierárquico e disciplinado (Freud afirma que a civilização funda-se no desejo de ordem e higiene); *A praia*, que se isolou geograficamente do mundo, necessitava do indesejado por todos “Arrastão do arroz”, que consistia em ir periodicamente à cidade comprar arroz, pilhas, sabão, absorventes, etc., acaba massacrada pelos traficantes de maconha que coabitavam a lagoa paradisíaca. Tais comunidades, identitária no *Clube*, geográfica na *Praia*, fundam-se operando uma distinção radical e hierárquica em relação aos demais habitantes da terra; são assim território e não lugar. Ambos projetos são massacrados não por uma força repressiva externa, mas pela própria desagregação interna do seu código fundacional. Nesse sentido, é possível investigar nessas narrativas aquilo que Roberto Esposito define em *Bios* como o “enigma da biopolítica”; a inversão da proporção entre vida e morte que determinados regimes políticos realizaram no século XX e ainda os desdobramentos da afirmação do filósofo: “a comunidade é literalmente insustentável”, já que gesta em si mesma seu sistema imunitário, estruturado para repelir o outro, o estranho. Além disso, interessa ainda os contatos e contágios dessas narrativas com aquilo que se tem chamando de *retorno do real*: o desejo de viver fora (na natureza); o desejo de viver dentro (do clube).

PALAVRAS-CHAVE: comunidade; utopia; distopia; *Clube da Luta*; *A praia*.



TÍTULO DO TRABALHO: CYBERPUNK NA FRONTEIRA BRASILEIRA: FAUSTO FAWCETT E O BRASIL TECNO-DISTÓPICO

Autor: Vítor Castelões Gama (UnB) Igor Alexandre Barcelos Graciano Borges (UnB)

RESUMO:

O *Cyberpunk* é um subgênero da ficção científica conhecido por obras como, por exemplo, o romance de 1984, ganhador do prêmio Hugo, intitulado: “*Neuromancer*” de William Gibson. Assim como a antologia “*Mirrorshades*” de 1986, de autoria de Bruce Sterling, que efetivamente definiu as características do subgênero. Em outras palavras, e melhor explicando, um mundo futuro globalizado com grande acesso à tecnologia, mas, com muitas mazelas sociais. As obras supracitadas discutem questões como, por exemplo, a inteligência artificial, o corpo pós-humano, os prazeres as formas de vivência perante a este contexto. Considerando o exposto, algumas inquietações surgem em nossa mente, e uma delas é: como tais características são refratadas no ambiente brasileiro? Para tanto, além destas obras seminais, focamos a análise em quatro obras do escritor carioca, Fausto Fawcett: “*Santa Clara Poltergeist*” de 1990; “*Básico Instinto*” de 1992; “*Favelost*” de 2012 e “*Pororoca Rave*” de 2015. Neste sentido, a pesquisa apoia-se no seguinte aporte teórico; Darko Suvin e a obra “*Metamorphoses of Science Fiction*” de 1979, para pensar sobre a poética deste gênero literário. Para entender o Cyberpunk foi utilizado, especificamente, as obras “*Visões Perigosas*” de Adriana Amaral, publicado no ano de 2006, e a tese de Roberto de Sousa Causo: “*Ondas nas Praias de um Mundo Sombrio: New Wave e Cyberpunk no Brasil*” de 2013, assim como outros autores que trabalham a temática ou pesquisam dentro do que concerne o mencionado.

PALAVRAS-CHAVE: Ficção Científica Brasileira; Cyberpunk; Fausto Fawcett; Distopia.

TÍTULO DO TRABALHO: DA REVOLUÇÃO DOS BICHOS À FAZENDA MODELO: QUANDO O SOCIAL DETERMINA A UTÓPICO

Autor: Rebeca Cacho de Souza (UFMS)

RESUMO:

A comunicação proposta tem por intuito observar de modo comparatista a maneira pela qual as noções de utopia e distopia mudam de acordo com o contexto sócio histórico de produção. A pesquisa trata de duas obras, *A Revolução dos Bichos*, de George Orwell, de 1945, e *Fazenda Modelo*, de Chico Buarque, de 1976. O interesse principal da análise é refletir acerca da maneira pela qual a utopia é vivenciada pelos animais de ambas as obras, até o momento em que estes se percebem imersos em uma distopia. Ademais, buscaremos analisar a relação intertextual das obras em pauta, sem deixar de lado que ao pensar o quadro de utopia e distopia presente nas narrativas é importante perceber a diferença constitutiva de cada uma, ou seja, é necessário que haja um resgate histórico, político e cultural. Para apresentarmos os pontos de partida de cunho comparatista, utilizaremos os postulados de Leyla Perrone-Moises (1990), enquanto para as questões que exploram a utopia/distopia, utilizaremos teóricos como Ernst Bloch (2005) e



Thomas More (2006). Por fim, para que seja possível a reflexão sobre as diferenças sociais, políticas e culturais conforme observadas em cada obra, nos pautaremos em considerações de Eric Hobsbawm (1995).

PALAVRAS-CHAVE: Utopia; Distopia; *Fazenda Modelo*; *Revolução dos Bichos*.

TÍTULO DO TRABALHO: A “REVOLUÇÃO DOS BICHOS”: NAPOLEÃO E A REPRESENTAÇÃO IDEOLÓGICA DA REVOLUÇÃO RUSSA

Autor: Ulisses Tadeu Vaz de Oliveira (UFMS) Giovanna Ribeiro Zuque (UFMS)

RESUMO:

Atualmente, constantes mudanças políticas em diversos países têm renovado o interesse pelo livro “Revolução dos Bichos” (*Animal Farm*) de George Orwell, devido a sua marcante crítica política e social. Um dos temas mais explorados por estudiosos tem sido o paralelo da obra com ícones da Revolução Russa de 1917 (e.g. LETEMENDIA, 1992; ALLEN, 2003; FADAE, 2010). Dentre esses ícones, destaca-se a figura de Stalin comparado ao personagem Napoleão – um porco que emerge como o líder da fazenda depois que Sr. Jones é derrubado. Nesse sentido, esta apresentação versa sobre pesquisa que analisa como o discurso de Napoleão revela traços ideológicos em dois episódios específicos: (1) sua relação com os cachorros que o protegiam; e (2) a traição do personagem a seus próprios aliados. Para tanto, as teorias da Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 1994) e Avaliatividade (MARTIN, 2000), provaram ser bem-sucedidas para revelar como os textos são moldados e modelados por dimensões contextuais, especificamente, de acordo com Halliday (1994), a situação e a cultura em que o discurso está inserido, além da camada contextual superior da ideologia. Nesta linha de pensamento, explora-se o discurso de Napoleão para detectar como o fora espelhado na imagem de Stalin.

PALAVRAS-CHAVE: Revolução dos Bichos; Avaliatividade; Linguística Sistêmico-Funcional; ideologia.

TÍTULO DO TRABALHO: DO CAOS À REORDENAÇÃO DO MUNDO: A NARRATIVA DISTÓPICA EM *AS INTERMITÊNCIAS DA MORTE*, DE JOSÉ SARAMAGO

Autor: Carolina de Aquino Gomes (UFPI/UFC)

RESUMO:

A frase inicial de *As intermitências da morte*, “no dia seguinte ninguém morreu”, conduz o leitor a um universo ficcional em que a morte suspende suas atividades, como em protesto pela sua valorização. A morte faz o homem experimentar o caos através da desconstrução de estruturas sociais estratificadas e dependentes da morte. Os setores vão um a um temendo seu futuro e se reajustando à nova ordem. Nesta narrativa distópica, a morte instala o caos para depois reordenar a sociedade, criando uma tensão entre a inserção do sobrenatural na narrativa, ao mesmo tempo em que confronta o texto literário ao pensamento filosófico e cultural diante da morte, instaurando uma reflexão sobre a interdição da morte na contemporaneidade. A partir de uma visão pessimista sobre a natureza humana, Saramago confronta o homem



contemporâneo com o seu desejo de imortalidade, que, porventura, torna-se o seu pesadelo, evidenciando suas as contradições políticas e sociais. Propõe-se neste estudo trazer à luz discussões a respeito do homem contemporâneo diante da morte, a partir desta narrativa de José Saramago que enseja um tom pessimista e profético, enfatizando as implicações políticas em uma sociedade do consumo que negligencia a morte e o morrer.

PALAVRAS-CHAVE: Saramago; Insólito; Distopia.

TÍTULO DO TRABALHO: A ALEGORIA DE ESTADO EM DESORDEM EM *SEMINÁRIO DOS RATOS*, DE LYGIA FAGUNDES TELLES

Autor: Ana Kelly Moura da Silva (UFPI)

RESUMO:

Lygia Fagundes Telles constrói uma narrativa sobre o infortúnio de um país infestado por ratos e seu povo submetido à indiferença do governo. Analisando-a de acordo com perspectiva comparativa, o objetivo deste trabalho se consiste na busca da perda da sensibilidade na modernidade líquida, trabalhada por Bauman e Donskis (2014). No cenário apocalíptico da história, o caos não é significativo para o personagem que desempenha a função de Secretário do Bem-estar público e privado. Este lida com descaso com o problema e, ainda, tenta esconder o fato das autoridades estrangeiras. Aliás, a passagem “Por que botar todo mundo a par das nossas mazelas? Das nossas deficiências? Devíamos só mostrar o lado positivo não apenas da sociedade mas da nossa família.” mostra o espírito de omissão e comodidade do Secretário. Para Zygmunt Bauman, o crescimento da apatia política, a perda do desinteresse e do compromisso político e uma ampla retirada da população no que se refere a participar da política institucionalizada são testemunhos do esfacelamento dos alicerces remanescentes do poder de Estado. Diante dessa problemática, comparando conto e teoria dos autores citados, é possível dizer que a autora tece uma crítica social em seu texto, visto que ela usa uma sigla para representar a associação dos roedores (e aí se pode pensar que figuram pessoas) e papéis de poderes públicos, propondo-nos questionamentos sobre nossa posição nesta sociedade pós-moderna.

PALAVRAS-CHAVE: Lygia Fagundes Telles; Política; Modernidade líquida.

TÍTULO DO TRABALHO: A REALIDADE DO FUTURO E A DISTOPIA DO PRESENTE: UMA ANÁLISE DIALÓGICA DE "ONDE ESTÁ SEGUNDA?"

Autor: Mikaela Silva de Oliveira, graduanda (UFRN) Maria da Penha Casado Alves (UFRN)

RESUMO:

A preocupação com um futuro incerto vem aumentando ao longo dos anos, com economias falhas, fome, miséria, questões que afetam vários povos todos os dias. Essa preocupação se reflete/refrata nas produções culturais, principalmente, em livros e filmes de referência distópica, como 1984 e Matrix. Nos filmes, essas questões vêm à tona por meio da visão futurista cibernética, aparentemente organizada, mas com problemas de grande escala limitando a



liberdade da população. Isso é o que ocorre no filme "Onde está segunda?", uma distopia que reflete/refrata sobre como se encara a questão da superpopulação. A abordagem dessa produção cinematográfica da Netflix se dá a partir do conceito de distopia de Evanir Pavloski. Para tanto, buscamos responder a questão: como a distopia aparece nesse filme para que repensemos o futuro? Para responder essa questão, a pesquisa se ancora na concepção dialógica e de gênero discursivo do Círculo de Bakhtin. Inserida na área da Linguística Aplicada, a pesquisa se orienta por uma perspectiva interpretativista e pelo método indiciário de Ginsburg.

PALAVRAS-CHAVE: Distopia; filme; Netflix; gênero do discurso.

TÍTULO DO TRABALHO: A MEMÓRIA CONFISCADA EM *NÃO VERÁS PAÍS NENHUM*, DE IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO

Autor: Isabela Boaventura Pimenta Gomide (UFMS)

RESUMO:

Durante e, principalmente, após situações de extremo controle e barbárie a arte, neste caso específico a literatura, tem o engajamento ético e moral de narrar aquilo que é vetado pela historiografia oficial. Este narrar carrega consigo intensidades e dimensões que põe em evidência as relações entre linguagem e o real e faz questionar o papel do narrador como que testemunha e a delicada teia tecida entre ele, o texto e o público leitor. Expressividades estas provenientes do confronto entre a tragédia, o trauma e a negação da memória a qual traz consigo a ideia do Dever da memória e a vontade de esquecer para poder sobreviver recorrente em situações de extrema repressão e crueldade, como a que é representada no romance de Loyola. O Dever da memória consiste em resgatar a história para que ela não se repita, relatar o ocorrido para se reconstruir sobre os escombros. Uma reconstrução de uma memória fragmentada pelo mesmo trauma que a gerou. Na luta das forças sociais pelo poder, a anamnese coletiva tem papel efetivo na construção do domínio e supremacia de uma classe. Classe a qual manipula o fluxo memória-esquecimento e impera sobre as identidades sociais e culturais geradas por meio desta mesma força de manobra, a memória. Uma manipulação preocupante àqueles que dominam e dominaram sociedades históricas uma vez que os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória e da identidade coletiva. Tais afirmações perpassam pela concepção da construção coesiva de identidades sociais por meio de um imaginário individual até atingir um plano coletivo. Construção a qual é tolhida pelos governos autoritários, representados por meio da extrapolação do real, presentes em distopias como em *Não Verás País Nenhum*. O presente trabalho busca delinear o imaginário coletivo representado por Loyola por meio da memória fragmentada do personagem Souza, cuja significância do nome já é coletivizada, e compreender os anseios de encontrar-se em um não-presente e um não-passado, deste mesmo personagem.

PALAVRAS-CHAVE: Não Verás País Nenhum; memória; distopia; repressão.

TÍTULO DO TRABALHO: "NÃO VERÁS PAÍS NENHUM", DISSE O HOMEM DO FURO NA MÃO



Autor: João Luis Pereira Ourique (UFPel)

RESUMO:

Este ensaio procura discutir, a partir da perspectiva da literatura engajada, duas obras do escritor Ignácio de Loyola Brandão. Em uma ordem cronológica inversa, serão abordados o romance *Não verás páis nenhum* (1981) e o conto *O homem do furo na mão* (1972) com o intuito de refletir sobre como as narrativas desenvolvem sua abordagem crítica. Partindo das constatações de Theodor Adorno presentes no texto *Engagement*, há a tentativa de compreender o processo de dispersão de um sentimento instável e desestabilizador acerca da opressão quando ocorre um aprofundamento de uma denúncia panfletária que acaba por sucumbir ao fetiche de uma *política apolitizada*. A instabilidade e a desestabilização mencionadas se caracterizam, no âmbito desta proposta, como elementos fundamentais da ideia de engajamento, ou seja, como sustentação para que uma ideia de resistência prevaleça. Dessa forma, destaca-se que aquele que, "com espírito cultural conservador, exige da obra de arte que ela diga algo, está aliando-se contra a obra de arte desligada de finalidade, hermética, e com a contraposição política" (ADORNO, 1991, p. 53).

PALAVRAS-CHAVE: literatura engajada; instabilidade; desestabilização; resistência; opressão.

TÍTULO DO TRABALHO: *NÓS* E “QUINZE MILHÕES DE MÉRITOS”: SOBRE FICÇÕES DISTÓPICAS E MECANISMOS DE CONTROLE SOCIAL

Autor: Bruna Zotelli Mourão (UFMS)

RESUMO:

Tendo por objeto “Quinze milhões de méritos”, obra audiovisual, sendo este o segundo episódio que integra a primeira temporada da série televisiva britânica *Black Mirror*, bem como *Nós*, do russo levguêni Zamiátin. Propõem-se abordar aspectos referentes à construção da ficção distópica tradicional cuja base esta na construção do Estado totalitário; e a contemporânea, alicerçada na estrutura mercadológica capitalista. Em primeira instancia o estudo será pautado na conceituação de ficção distópica, fundamentando-se no artigo “On the Poetics of the Science Fiction Genre”, de Darko Suvin, e na dissertação de mestrado de Daniel Derrel Santee, *Modern Utopia: a reading of Brave New World, Nineteen Eighty-Four, and Woman on the Edge of Time in the Light of More’s Utopia*. Tal percurso será necessário para compreender a configuração dos objetos, considerando que estes, apesar de representar um aparente futuro, têm no presente sua base crítica. Tendo por preposição a ideia de que ambas as obras: *Nós*, e “Quinze milhões de méritos” apresentam uma construção social fictícia desprovida de individualidade (característica da ficção distópica), e que para a manutenção do sistema são necessários mecanismos de controle, tomaremos por fulcro a obra *Vigiar e Punir* de Michel Foucault, principalmente a terceira parte: Disciplina.

PALAVRAS-CHAVE: Distopia; Ficção científica; Darko Suvin; *Black mirror*.



TÍTULO DO TRABALHO: A DISTOPIA NO NONSENSE: A RELAÇÃO DE ALICE COM O PAÍS DAS MARAVILHAS

Autor: Isabella Pereira Marucci (UFMS)

RESUMO:

Este trabalho possui como objetivo realizar uma análise acerca do âmbito distópico em *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll. Especificamente, busca-se estudar a relação entre a personagem principal, a menina Alice, e o ambiente em que se encontra, chamado País das Maravilhas, em prol de possivelmente compreender a distopia nesse espaço, mascarado primordialmente pelo fenômeno nonsense presente, e a utopia propagada. Intenta-se observar como a aparente “falta de sentido” que rege tal lugar, seria de extrema relevância para suscitar os questionamentos de Alice, que por sua vez, percebe e nos apresenta, ainda que implicitamente, o caráter distópico de tal contexto, ignorado pelos demais personagens. Estes seriam persuadidos pelo comportamento imposto, onde a violência e horror que aconteceriam naquele âmbito, tais como a imposição ideológica, seriam atos justificados por uma razão principal, de manter o padrão utópico. Para tanto, realiza-se uma proposta de leitura da obra, permeado pela noção da escrita nonsense, de Anthony Burgess; e os princípios de utopia e distopia, discutidos por Ernst Bloch, para melhor compreender a caracterização e problematização de uma sociedade tal.

PALAVRAS-CHAVE: Alice; Lewis Carroll; distopia; nonsense; utopia.

TÍTULO DO TRABALHO: A REPRESENTAÇÃO DA PERSONAGEM FEMININA NA FICÇÃO CIENTÍFICA BRASILEIRA: *AMORQUIA*, DE ANDRÉ CARNEIRO

Autor: Carla dos Santos Meneses Campos (UFMS)

RESUMO :

O presente artigo tem como objetivo explorar se a ficção científica, como explica Alen (ALLEN apud Giroldo, p.21 [s.d.], p. 235) “[...] distinguida de outros tipos de ficção pela presença de uma extrapolação dos efeitos humanos [...]”, e também um espaço de possível ruptura, se abre à representação do feminino. Com essa ideia em mente, foi escolhido o romance *Amorquia*, de André Carneiro. Buscando semelhanças entre as formas de representação das personagens femininas, foi feita a análise, fazendo uso do recurso linguístico método das passagens paralelas. Segundo Compagnon (2010, p.67) “[...] Interpretar um texto é sempre, inevitavelmente, com a identidade, produzir a diferença, com o mesmo, produzir o outro”. Justine Larbalestier (2002, p.39) afirma que: “[...] no campo da ficção científica há um conjunto de histórias [...] baseadas em uma relação desigual entre os sexos em que as regras masculinas são naturalizadas e as femininas demonizadas, enquanto outras propõem algo menos desigual entre os sexos”. Ainda na fundamentação do trabalho, recorreu-se também à obra de Ramiro Giroldo, no que diz respeito a ficção científica, a literatura distópica, e a relação das duas com a obra *Amorquia*. Finalmente também recorreu-se a Ginway para explorar as especificidades e o papel das mulheres na distopia brasileira. Segundo Ginway (2005, p.109): “Apesar do [...] conjunto de



distopias brasileiras [...] retratar a mulher em papéis diversos daquele da mãe, ele não obstante continua a estereotipar personagens femininos como vítimas sacrificiais ou mulheres decaídas (virgem/meretriz)”.

PALAVRAS CHAVE: representação feminina; ficção científica; Amorquia.

TÍTULO DO TRABALHO: RUMO À UTOPIA: ENTRE *PISCINA LIVRE* E *AMORQUIA*, DE ANDRÉ CARNEIRO

Autor: Ramiro Giroldo (UFMS/CNPQ)

RESUMO:

O trabalho toma como objeto os dois romances de André Carneiro, *Piscina Livre* (1980) e *Amorquia* (1992). Tematicamente contíguos, configuram mundos futuros hedonistas, nos quais todos os problemas de ordem prática foram superados pela humanidade. Formalmente, contudo, possuem particularidades: se *Piscina Livre* é linearmente estruturado, *Amorquia* é fragmentado e dissociativo. A utopia calcada no fim da agressividade e no prazer, cujo surgimento é narrado no primeiro romance, no segundo começa a se dissociar, a mostrar inconsistências – como a própria forma narrativa que perde a coesão e deixa enfraquecer os elos lógicos entre um evento narrado e outro. O que parecia utópico acolhe um mal-estar constitutivo e incontornável. Uma leitura conjunta dos romances, assim, ilustra o seguinte percurso: anseio pela utopia, inevitabilidade da distopia e, por fim, retorno da utopia como mudança em potencial. Para discutir o ponto, o ensaio recorrerá ao pensamento de Ernst Bloch sobre a utopia, conforme sua trilogia *O Princípio Esperança*. Cabe assinalar que o primeiro romance é publicado em 1980, na abertura democrática, e o segundo em 1992, quando pretensamente o Brasil já vivenciaria uma democracia. Para explorar o ponto, o ensaio buscará embasamento nas considerações de Paulo Sérgio Pinheiro em seu artigo “Autoritarismo e transição”, que trata da manutenção do autoritarismo após o fim do regime militar. Acerca do potencial utópico-crítico da ficção científica, as formulações de Darko Suvin em *Metamorphoses of Science Fiction*, fornecerá embasamento.

PALAVRAS-CHAVE: Utopia; Autoritarismo; Violência; *Piscina Livre*; *Amorquia*.

TÍTULO DO TRABALHO: O ZUMBI QUE LOGO SOU: A EXPERIÊNCIA RADICAL DO OUTRO EM “A NOITE DEVOROU O MUNDO”, DE PIT AGARMEN, E “BIOFOBIA”, DE SANTIAGO NAZARIAN

Autor: Wellington Furtado Ramos (UFMS/FUNDECT/CNPq)

RESUMO:

Tomando de empréstimo a proposição derridiana construída no ensaio “O animal que logo sou” (2011), este trabalho busca localizar na figura do zumbi e da natureza, por analogia, o grande Outro materializado, em Derrida, na figura do animal. A pesquisa parte do estudo das personagens protagonistas dos romances “A noite devorou o mundo” (2014), de Pit Agarmen, pseudônimo do escritor francês contemporâneo Martin Page, e “Biofobia” (2014), do brasileiro Santiago Nazarian, com o objetivo de verificar como o zumbi, naquele, e a natureza, neste,



configuram-se como uma espécie de alteridade radical que coloca os protagonistas em conflito, a partir da experiência de solidão, de modo não apenas a desestabilizar suas identidades, mas propiciar um re-encontro consigo mesmos. Parece-nos que, por analogia ao proposto por Jaques Derrida, nos romances que tomamos por objeto, tais protagonistas se veem obrigados a se enxergarem em sua condição animal que é, paradoxalmente, seu traço de humanidade, ao depararem-se com um mundo em que parecem não caber ou no qual não se adequam com propriedade. Em “A noite devorou o mundo”, o narrador-protagonista é um escritor de romances “água com açúcar” que não se relaciona bem com aparentemente ninguém, mas que, a partir de um apocalipse zumbi, é colocado diante de um silêncio em que a figura do morto-vivo o obriga, por meio da memória, a re-valorizar seu estar-no-mundo e sua conexão com as pessoas, até mesmo desconhecidas, que fizeram parte de sua vida antes da hecatombe. Já em “Biofobia”, um músico com carreira em franca decadência é obrigado a deslocar-se a uma casa em meio à floresta, com vistas a distribuir o espólio de sua mãe suicida; neste romance, é a natureza que encarna o Outro da personagem, que devaneia cenas canibais na casa tomada, pouco a pouco, por galhos e plantas, que também o invadem, de modo metonímico. Um escritor e um músico são construídos como sujeitos privilegiados nas duas narrativas; sobreviventes, cada qual a seu modo, ambos são obrigados a lidar com esse desajuste social a partir de situações-limite que se configuram como uma abertura para o nada, para retomar a proposição de Heidegger, e que, no limite da linguagem, delineiam o seu ser-aí (dasein).

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Comparada; Pit Agarmen; Santiago Nazarian; Alteridade.

TÍTULO DO TRABALHO: UMA POÉTICA DA DESUMANIZAÇÃO

Autor: Angela Guida (UFMS)

RESUMO:

Com este trabalho, pretende-se discutir em que medida a obra de Valter Hugo Mãe – A desumanização – pode ser pensada como um texto que se abre a possibilidades de se pensar acerca do horror e do estranho que nos habita, isto é, nosso estranho familiar. A obra em questão ainda será pensada como texto de ruptura com padrões hegemônicos por algumas razões, entre elas, ao ser ambientada em uma vila na Islândia, um espaço distante, em geral, dos textos que compõem as literaturas brasileira e portuguesa, ser narrada por uma criança de onze anos, Halla, que perde sua irmã gêmea Sigridur, ou seja, a voz de um narrador que comumente é silenciada. Infância, o ser que não falava. Do latim *infantia* in – negativo e *fari* falar. A obra do autor luso-africano ainda vai nos permitir discutir questões como morte e duplo, a partir da relação entre as irmãs gêmeas ou irmãs espelho. Para essa reflexão, o texto de Freud *Das Unheimliche*, apesar de haver sido produzido em 1919, trará significativas contribuições. Ainda completa o poético quadro de horrores a forma como a mãe, figura que, em teoria, encontra-se relacionada ao afeto e proteção, relaciona-se com as filhas gêmeas – a “mais morta” e a “menos morta”, a narrativa dos habitantes da vila islandesa em torno da criança-planta e a estranha presença de Einar – um misto de monstro, louco e amoroso personagem. E, por fim, ainda se pretende refletir acerca da possibilidade de se pensar na construção de uma



humanização que se constrói pela desumanização, o que também se insinua como uma rasura diante dos saberes hegemônicos.

PALAVRAS-CHAVE: Estranho; Duplo; Poético; Diálogo.

TÍTULO DO TRABALHO: ASPECTOS DO MAL NA FIGURA DE EXU PRESENTE NA OBRA *AS PELEJAS DE OJUARA*

Autor: Jhonnatas dos Santos Sousa (UFPI)

RESUMO:

Refletir sobre as facetas do mal, é refletir sobre a pluralidade de suas significações de acordo com a visão social que está sendo empregada. Portanto para as análises realizadas buscaram-se as diferentes figuras, bem como os diferentes contextos empregados a Exu dentro da obra de ficção de Nei Leandro de Castro, intitulada *As Pelejas de Ojuara: O homem que desafiou o diabo* (2006). Essa análise prioriza descrever as características e a representação de Exu dentro da obra, como símbolo de destruição, perdição, castigo e cólera. Bairrão (2002) apresenta análises sobre a degradação de identidades brasileira religiosa, estudo necessário, pois o artigo *Subterrâneos da Submissão: Sentidos do Mal no Imaginário Umbandista* apresenta tradições e identidades da cultura popular. Para avaliar os conceitos de mal usou-se Pierre Lévêque (2013), com suas reflexões sobre a relação entre cólera e o sagrado, que associa a figura de Exu à natureza, assim como ela mantém o equilíbrio entre natureza e homem. Com seu papel especial como um transformador e introdutor de uma desordem com fim de gerar uma nova ordem. E isso lhe confere uma característica *trickster*, desta forma libera-se de todas as amarras da ordem social, através de seu poder de dar possibilidades de mudanças no destino dos homens. Podendo ser verificado dentro da obra escolhida, quando o personagem Ojuara se depara com a história ouvida por um caboclo, sobre uma botija de ouro. Aonde por fim evoca a figura de Exu, e faz um pacto com o mesmo. Essa representação nos mostra os aspectos sobrenaturais, com forte apelo ao profano e como símbolo dessa profanação, encontramos Exu como uma figura diabólica, como um causador do mal.

PALAVRAS-CHAVE: Exu; Mal; Religião.

TÍTULO DO TRABALHO: O POST-HORROR ART-HOUSE: INVESTIGAÇÕES SOBRE A CAPITALIZAÇÃO DO EU E DO HORROR NA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Autor: Gabriela Lopes Vasconcellos de Andrade (UFBA/UCLA)

RESUMO:

O presente trabalho busca analisar a tendência do discurso cinematográfico do gênero horror na literatura brasileira contemporânea a partir dos romances *Neve Negra* de Santiago Nazarian, *As Perguntas* de Antonio Xerxenesky e *O Jantar Secreto* de Raphael Montes. Os autores transitam pela cultura de massa, pela literatura pop, pela linguagem cinematográfica e pelo espaço biográfico, ficando atento à recepção de suas obras para criar estratégias performáticas de legitimação. O escritor assume uma identidade mitológica e midiática, tecida através de uma rede imaginária formada por seus leitores. Nesse processo, dentro de uma estética que utiliza



elementos do pop, o projeto literário do autor está mudando e se inserido na estética cinematográfica do terror. O trabalho busca então problematizar essa trajetória, pensando na construção do gosto do autor e na tentativa de consolidar a sua obra a partir do crescimento do consumo desse tipo de literatura Brazil, influenciado pelo sucesso do cinema de horror, tanto pelo leitor comum quanto para crítica literária. Assim, o trabalho busca questionar a classificação do termo post-horror, utilizada por esses escritores, como uma estratégia mercadológica vinculada à uma indústria cinematográfica que vende o discurso do Art-House no cenário dos festivais e premiações independentes, que acaba influenciando na precarização nas condições e nos valores do trabalho artístico ao trata-lo como uma commodity. Para isso, serão utilizados os conceitos de Transmidia de Jenkins, a ideia de hiperpresente de Lipovetsky e Serroy, o trabalho de Annateresa Fabris e Eneida Maria de Souza sobre o mercado literário brasileiro, a discussão sobre autoria e a construção midiática do eu a partir de Sibília e Foucault, no intuito de perceber como o cinema internacional de horror está influenciando na construção da estética do terror na literatura brasileira contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE: Santiago Nazarian; Raphael Montes; Antonio Xerxenesky; Post-Horror.

TÍTULO DO TRABALHO: A REPRESENTAÇÃO DO MAL NA ESCRITA DE *UM HOMEM É MUITO POUCO*

Autor: Linda Maria de Jesus Bertolino (UnB)

RESUMO:

O presente estudo tem por objetivo analisar as formas significativas do mal, caracterizado na vida dos personagens, através dos eventos de violência que experimenta o corpo no cotidiano, no romance *Um homem é muito pouco* (2010), do escritor maranhense Ronaldo Costa Fernandes. Nela a representação do mal será analisada a partir da imagem do feio e do grotesco, inscrita na corporeidade do sujeito-personagem pelo fantasma da culpa, do medo, da loucura e das desilusões. Partirei da ideia de que o homem é induzido à força do mal pelos acontecimentos sociais, culturais e temporais que o cerca, haja vista que o mal é uma realidade universal resultante do medo e das traições. E, dos movimentos que acontece entre o sagrado e o profano na contemporaneidade e, que termina por inscrever na paisagem corporal a inserção da imagem daquilo que se imagina como feio, ou como belo na vida humana. Para dar conta dessa discussão recorro às ideias de Giorgio Agamben, Mikhail Bakhtin e George Bataille.

PALAVRAS-CHAVE: Mal; Belo; Feio; Grotesco; Corpo.

TÍTULO DO TRABALHO: DA IMPORTÂNCIA DO ABJETO: UM ESTUDO SOBRE GEORGES BATAILLE

Autor: Sarah Dethloff Cavalcanti de Souza (UNICAMP)

RESUMO:

O objetivo deste trabalho é propor uma discussão a respeito da obra literária de Georges Bataille (1892-1962), cuja importância para a filosofia e a literatura do século XX é frequentemente relegada a uma posição secundária no panteão dos grandes filósofos do último século. Bataille é autor de uma obra extensa, concentrando diversas áreas do pensamento, como a economia e a etnografia; considerado um *autor maldito* em seu tempo, sua produção literária, em geral, compõe uma beleza convulsiva e perturbadora, assimilando a morte, a violência e a degradação física e psíquica. Bataille acredita que o tumulto é elemento fundamental da vida, portanto, também da arte – neste sentido, o *Mal* é soberano e “a literatura não é inocente, e, culpada, ela



enfim deveria se confessar como tal”. Partindo da citação “a sedução extrema está provavelmente no limite do horror e que, portanto, não se pode esconder a que ponto o horror se torna fascinante e também que ele é a única brutalidade capaz de romper aquilo que sufoca” contida em *O Erotismo*, esta discussão pretende abordar a violência, o horror e o êxtase da maneira em que são colocados nos textos pornográficos de Georges Bataille. Para tanto, usaremos os estudos de Susan Sontag e Eliane Robert Moraes como respaldo teórico para o debate, além dos textos filosóficos do próprio autor.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura francesa do século XX; Georges Bataille; estética; angústia; pornografia; violência.